

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE ENFERMAGEM  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Emmanuel José Silva de Jesus**

**Violência intrafamiliar contra crianças: perspectiva dos profissionais da educação  
de ensino público.**

Juiz de Fora  
2024

**Emmanuel José Silva de Jesus**

**Violência intrafamiliar contra crianças: perspectiva dos profissionais da educação de ensino público.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

**Grupo de Pesquisa:** “Tecnologia, Cultura e Comunicação em Saúde e em Enfermagem (TECCSE)”

**Linha de Pesquisa:** “Cultura e Comunicação em Saúde em Enfermagem”

**Orientadora:** Dra Paula Krempser

Juiz de Fora

2024

**Emmanuel José Silva de Jesus**

**Violência intrafamiliar contra crianças:** perspectiva dos profissionais da educação  
de ensino público.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Enfermagem da Faculdade de  
Enfermagem da Universidade Federal de  
Juiz de Fora como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Enfermagem.

Aprovada em 22 de janeiro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Paula Krempser - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Enfa. Me. Juliana de Lima Brandão  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Enfa. Me. Isabela Verônica da Costa Lacerda- Suplente Interno  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho à minha mãe, Prof<sup>a</sup> Rosilene Guimarães Silva, que, desde a matrícula até o fim do curso, incentiva, apoia e ajuda a financiar a realização deste sonho. Não obstante, dedico este trabalho em memória das minhas avós Regina Guimarães Silva e Maria José Silva de Jesus.

## **AGRADECIMENTOS**

Registro a minha gratidão a toda família Silva e Guimarães que acompanha a minha jornada, a todos os meus amigos pelo incentivo, pela admiração, pelas críticas construtivas e pelo companheirismo. Gratidão em especial a Camila Custódio e a Helen Vaz pela amizade e lealdade ao caminhar comigo desde o primeiro dia de aula me apoiando nos meus piores e melhores momentos. Gratidão aos professores incríveis da FACENF-UFJF que tive a honra de ter tido a oportunidade de ser aluno e a qual guardo profunda admiração e carinho. Por fim, não menos importante, agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Krempser primeiramente por acreditar neste projeto, pela orientação, pelo incentivo e pela positividade, até mesmo nas partes mais difíceis deste trabalho.

Não é o sofrimento das crianças que se torna revoltante em si mesmo, mas sim que nada justifica tal sofrimento (CAMUS, 1957).

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|       |  |
|-------|--|
| MS    | Ministério da Saúde                                      |
| ECA.  | Estatuto da Criança e do Adolescente                     |
| TCLE  | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido               |
| RDS   | <i>Respondent Driven Sampling</i>                        |
| ODK   | <i>Open Data Kit</i>                                     |
| SPSS  | <i>Statistical Package for Social Sciences</i>           |
| CHD   | Classificação Hierárquica Descendente                    |
| ESF   | Estratégia de Saúde da Família                           |
| ACS   | Agente Comunitário de Saúde                              |
| CREAS | Centro de Referência Especializado de Assistência Social |
| CRAS  | Centro de Referência de Assistência Social               |
| NAE   | Núcleo de Atendimento Especial                           |
| IBGE  | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística          |
| HPV   | Papiloma vírus Humano                                    |

## SUMÁRIO

|   |                             |    |
|---|-----------------------------|----|
| 1 | INTRODUÇÃO.....             | 13 |
| 2 | METODOLOGIA.....            | 15 |
| 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 18 |
| 4 | CONCLUSÃO.....              | 29 |
| 5 | REFERÊNCIAS.....            | 30 |
|   | ANEXOS E APENDICES .....    | 34 |

## **VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS: PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE ENSINO PÚBLICO**

Emmanuel José Silva de Jesus\*  
Paula Krempser\*\*

### **RESUMO**

A violência intrafamiliar é considerada toda ação ou omissão que entrava o convívio e o bem-estar físico e psicológico podendo ser praticada dentro ou fora da residência e cometida por qualquer membro da família. Nas crianças, o impacto da violência gera profusos impactos, como atraso no desenvolvimento, distúrbios de fala e/ou sono, ansiedade, baixa autoestima, desejo de morte e tentativa de suicídio. Além disso, ao considerar a escola como o primeiro local onde a criança possui maior convivência fora do núcleo familiar, é imprescindível a inclusão destes profissionais da educação em análises com esta temática. O estudo objetivou caracterizar os profissionais da educação e as vítimas, analisando conhecimento e habilidades na identificação de violência intrafamiliar. Realizado em uma escola pública de Minas Gerais, envolveu 19 profissionais e utilizou entrevistas e análise estatística descritiva. Como resultado, este foi composto predominantemente por mulheres, com média de 48 anos, duas graduações e católicas. Muitos não receberam treinamento para lidar com casos de violência. A violência física (23,8%), seguida por sexual (23,8%) e psicológica (9,56%), foram as mais prevalentes. Sinais como lesões corporais (20,8%), apatia (14%) e choro inconsolável (11,1%) despertaram suspeitas. A maioria das vítimas era do sexo feminino (59,2%), pretas ou pardas (77,7%), com nove anos. Os dados foram categorizados em três classes, destacando sinais de violência, manejo de casos suspeitos e características das vítimas e agressores. Revelou-se a falta de capacitação dos profissionais para identificar violência, indicando a necessidade urgente de treinamento generalizado na educação para prevenir e agir eficazmente.

**Palavras Chave:** Maus-Tratos Infantis; Violência Doméstica; Família; Ensino; Criança.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), a violência é o uso intencional ou não da força física ou do poder contra a um indivíduo ou a um grupo, ocasionando lesão, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou, em casos mais grave, morte. Para situações de violência que acometem crianças e adolescentes, o MS define como quaisquer atos ou omissões que denotam em dano físico, emocional, sexual e/ou moral às vítimas, sendo praticadas por pais biológicos, parentes, responsáveis, instituições ou pela comunidade (Brasil, 2010). Cabe ressaltar ainda que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 2º, considera-se criança toda pessoa até 12 anos incompletos e adolescentes àqueles com idade entre de 12 a 18 anos incompletos (Brasil,1990).

Além disso, existem definições mais específicas sobre alguns tipos de violência, podendo ser estratificada em: abuso financeiro e econômico/ violência patrimonial; aliciamento sexual infantil on-line; *bullying*; *cyberbullying*; discriminação; exposição de nudez sem consentimento (*sexting*); negligência e abandono; pornografia infantil; tortura; trabalho infantil; tráfico de crianças e adolescentes; violência física, psicológica e sexual (Celpar et al., 2022).

No âmbito da violência intrafamiliar, considera-se toda ação ou omissão que entrava o convívio e o bem-estar físico e psicológico, além de restringir a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de algum membro familiar. É caracterizada por ser praticada dentro ou fora da residência, podendo ser cometida por qualquer membro da família, incluindo pessoas que não apresentem laços consanguíneos. A violência doméstica, ainda assim, apresentada em qualquer tipo de suas formas, graus e gêneros, é encarada como um indicador negativo para o pleno desenvolvimento socioeconômico, físico e psicossocial, sendo considerado um sério problema de saúde pública (Orr et al., 2020).

De acordo com o (DATASUS), em 2021 houve 31.751 notificações de violências contra crianças de faixa etária menor que 10 anos no Brasil e 51.213 notificações da faixa etária de cinco até 19 anos, totalizando cerca de 80 mil casos de violência contra a criança e ao adolescente notificados. Já no estado de Minas Gerais, a notificação total de violência contra as crianças e adolescentes com faixa etária de cinco a 19 anos totaliza-se em 5.541 casos (Brasil, 2022).

Em relação ao impacto da violência no contexto biopsicossocial da criança, esta se encontra atrelado ao seu tipo, frequência, duração, gravidade e ao vínculo afetivo com o responsável pela violência, além da representação desse ato para a criança. Dentre os vários sintomas decorrentes da violência intrafamiliar contra crianças, destacam-se: a irritabilidade frequente sem causa aparente; olhar indiferente e apatia; tristeza constante; reações negativas exageradas a estímulos comuns ou à imposição de limites; comportamentos extremos de agressividade e destrutividade; ansiedade ou medo ligado a determinadas pessoas, sexo, objetos ou situações; pesadelos frequentes, terror noturno; tiques ou manias; baixa autoestima e autoconfiança; dificuldades de socialização e tendência ao isolamento (Brasil, 2010; Dovran et al., 2019; Souza, 2022; Antunes et al 2020).

Importante ressaltar que a violência contra crianças e adolescentes é de notificação compulsória, protegida pelo ECA, que afirma em seu artigo 5º: *“nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, exploração, violência e crueldade”* (Brasil, 1990). No entanto, a subnotificação de casos de maus tratos às crianças e aos adolescentes é realidade sendo esta responsabilidade, na maioria das vezes, delegada a outras pessoas ou até mesmo negligenciada por medo, sobrecarga de trabalho e até mesmo a ausência de uma rede de apoio forte e especializada para acolher estes casos (Leite, et al. 2016; Cordeiro et al, 2020).

Desta forma, principalmente ao considerar a escola como o primeiro local onde a criança ou o adolescente mais convive fora do núcleo familiar, é imprescindível a inclusão e a capacitação dos profissionais da educação no processo de identificação dos sinais e sintomas sugestivos de maus tratos ou abusos (Cordeiro et al, 2020).

Diante desse cenário, o objeto da presente investigação é a violência intrafamiliar contra crianças do ensino público estadual na perspectiva dos profissionais da educação. A realização dessa pesquisa se justifica devido a: 1) prevalência da violência ser maior em alunos de escola pública (Terribele e Munhoz, 2021); 2) a relevância para a saúde, ensino e educação, tendo em vista que as consequências dos abusos podem persistir e interferir na qualidade de vida desse público na idade adulta (Brasil, 1990); 3) suspeitas de abusos contra as crianças ou adolescentes devem ser de notificação compulsória (Brasil, 1990) e 4) a importância da escola como agente no combate à violência tendo em vista que é o local onde a

criança convive significativa parcela do tempo além do núcleo familiar (Vidal; Miranda, 2020).

Com isso, os objetivos da pesquisa foram caracterizar os profissionais da educação e as vítimas de violência intrafamiliar e analisar o conhecimento sobre os protocolos e a habilidade dos profissionais na identificação dos casos de violência intrafamiliar contra crianças de uma escola pública.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de estudo descritivo exploratório do tipo quantiqualitativo realizada em uma escola pública estadual de ensino fundamental 1 de um município do interior de Minas Gerais.

A amostra foi composta por profissionais da educação que trabalham diretamente ou indiretamente com crianças na faixa etária de seis a 11 anos na escola investigada.

Os dados foram coletados no período de junho a setembro de 2023 por meio de entrevista presencial semi estruturada com gravação de áudio, guiada por questões norteadoras previstas no instrumento de coleta de dados e um questionário a respeito da violência intrafamiliar (Apêndice 1). Devido à localização de a escola investigada ser em município localizado a 250 km de Juiz de Fora – MG, foi prevista a possibilidade da coleta dos dados ser realizada de forma online, por meio da plataforma *Google Meet*, após consentimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2) da sua realização e a gravação de áudio e vídeo da entrevista pelos participantes. Justifica-se a escolha da escolha do cenário por esta pertencer a um município de menor porte, próxima às comunidades socioeconomicamente vulneráveis.

O instrumento de coleta de dados foi estruturado nas seguintes etapas: 1) caracterização dos participantes; 2) tipo e forma de identificação e condução da violência contra crianças; 3) caracterização das crianças vítimas ou com suspeita de violência; 4) questões norteadoras das entrevistas e 5) informações adicionais e diário de campo (Apêndice 1).

Os participantes foram convidados a integrarem a pesquisa através de um convite presencial com esclarecimento dos objetivos da pesquisa, no que consiste sua participação, dos benefícios e riscos e foram incluídos na pesquisa após aceite e

assinatura no TCLE. Neste contato inicial foi colhido o contato telefônico e o e-mail para posterior contato online se necessário.

Foram considerados como critério de inclusão: 1) profissionais da educação atuantes nas escolas pesquisadas e 2) profissionais da educação que tenham relação com os alunos com objetivo de ensino, suporte psicológico e/ou social.

Como critério de exclusão, elencam-se: 1) aqueles que se recusaram a participar da pesquisa, 2) que estiveram de férias ou licenciados no período de coleta de dados; 3) que postergaram a participarem por mais de três tentativas; 4) que apresentaram alteração do nível de orientação incompatível com a resposta de entrevistas; 4) demonstraram interesse em sair da pesquisa em qualquer momento da investigação, 5) não aceitaram a gravação da entrevista e/ou 6) não aceitarem participar da investigação de forma online. Obteve-se 14 exclusões, enquadrada na categoria 1.

O recrutamento dos participantes ocorreu baseado na técnica de “amostragem dirigida pelo participante” (*Respondent Driven Sampling -RDS*) (White *et al.*, 2012). Foram recrutados 35 participantes para integrarem a investigação através de contato telefônico, inicialmente selecionado os primeiros de forma intencional e posteriormente estes indicaram os participantes subsequentes formando assim uma cadeia de recrutamento da mesma “rede social”, profissionais atuantes na escola cenário da investigação.

A amostra final foi composta por 19 profissionais da educação elegíveis para participação na pesquisa devido 15 recusas de participação e uma amostra descartada devido a uma falha técnica de gravação.

Os dados descritivos de caracterização dos participantes foram coletados de forma presencial ou online com auxílio do aplicativo eletrônico *Open Data Kit* (ODK) em Tablet/Smartphone. Seu conteúdo posteriormente foi transferido para armazenamento em nuvem que permitiu a consolidação dos dados em uma planilha do Excel e posteriormente transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences*, versão 23 (SPSS 23) para posterior análise e apresentação dos resultados por estatística descritiva por frequências absoluta e relativa.

As informações a respeito das entrevistas gravadas foram coletadas presencialmente em local reservado com privacidade, de forma individual e com auxílio de um gravador de áudio para posterior transcrição na íntegra para o programa *Word* para *Windows*. Também foram coletadas de forma online por meio

da plataforma *Google Meet*, com gravação de áudio e vídeo após consentimento da realização da entrevista pelos participantes. A duração média das entrevistas foi de 25 minutos. Quanto à questão ética referente à guarda da confidencialidade, após as transcrições das entrevistas que foram gravadas de forma online ou presencial, os recursos audiovisuais foram excluídos do equipamento eletrônico e da nuvem

Os conteúdos discursivos foram processados no Software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) por meio da análise textual da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que organiza os dados em um dendrograma e ilustra as relações entre classes a partir dos vocábulos estatisticamente significativas presentes nos segmentos de textos do *corpus* e ilustrados em nuvens de palavras em função de suas frequências. Três etapas são percorridas para realizar a CHD: a preparação e a codificação do texto inicial, a classificação hierárquica descendente, realizada pelo processamento dos dados, e a interpretação das classes (Camargo, Justo, 2013).

As entrevistas foram transcritas na íntegra, em arquivos individuais para posteriormente serem agrupados em um único arquivo com todas entrevistas. Cada uma foi separada por uma linha de comando, compreendendo somente uma variável (n), escolhida conforme o número dado a cada participante (\*\*\*\* \*n\_1, \*\*\*\* n\_2 até \*\*\*\* \*n\_19). Após a transcrição realizada no *LibreOffice Writer* do pacote LibreOffice.org, o arquivo foi salvo como documento de texto que usa codificação de caracteres no padrão UTF-8 (*Unicode Transformation Format 8 bit codeunits*). As perguntas foram suprimidas, mantendo-se somente as respostas de forma completa e referenciada à pergunta. Foi realizada a revisão de todo o arquivo, a correção de erros de digitação e pontuação, a uniformização das siglas e a junção de palavras compostas por uso do *underline* para o maior aproveitamento das palavras compostas no *corpus*.

Os resultados foram categorizados em classes segundo a frequência de palavras, ilustradas por nuvem de palavras baseado na sua frequência e  $\chi^2$  significativo com valores  $>3,8$  (Camargo e Justo, 2013), sendo as classes exemplificadas por fragmentos das entrevistas sendo tais informações analisadas à luz de evidências disponíveis na literatura (Inter)nacional.

Foi previsto o atendimento de todos os critérios éticos e legais de pesquisa envolvendo seres humanos de acordo com a portaria Nº 466/12 (Brasil, 2012). A

pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e o início do processo de coleta de dados ocorreu após a aprovação em Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora sob parecer número 6.036.845 (Anexo 1). A divulgação dos resultados produzidos deste projeto assegurou o anonimato da instituição e o sigilo sobre a identificação e informações referentes aos participantes que receberam códigos compostos por uma letra P seguida de dois dígitos numéricos sequenciais de forma a manter o anonimato dos participantes da pesquisa (ex: P01; P02; P03...).

Esta investigação se inscreve no grupo de pesquisa intitulado “Tecnologia, Cultura e Comunicação em Saúde e Enfermagem” (TECCSE) na linha “Cultura e Comunicação em Saúde e Enfermagem”.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É apresentada a seguir a caracterização dos 19 profissionais da educação de uma escola pública de um município de Minas Gerais participantes da presente investigação.

**Tabela 1-** Caracterização sociodemográfica dos profissionais da educação atuantes na escola pesquisada. Juiz de Fora, MG. 2024

| Variável           |              | n         | %          | Média     | Variável                     |                | n          | %          |
|--------------------|--------------|-----------|------------|-----------|------------------------------|----------------|------------|------------|
| <b>Sexo</b>        | Feminino     | 18        | 94,7       | <b>49</b> | <b>Filhos</b>                | Sim            | 14         | 73,7       |
|                    | Masculino    | 1         | 5,3        |           |                              | Não            | 5          | 26,3       |
| <b>Total**</b>     |              |           | <b>100</b> |           | <b>Total**</b>               |                | <b>19</b>  | <b>100</b> |
| <b>Idade</b>       | >60 anos     | 1         | 5,3        | <b>49</b> | <b>Estado Civil</b>          | Casado         | 7          | 36,8       |
|                    | 51 a 60 anos | 8         | 42,1       |           |                              | Solteiro       | 6          | 31,6       |
|                    | 41 a 50 anos | 4         | 21,1       |           |                              | Separado       | 5          | 26,3       |
|                    | 31 a 40 anos | 4         | 21,1       |           |                              | União Estável  | 1          | 5,3        |
|                    | 20 a 30 anos | 2         | 10,6       |           |                              | <b>Total**</b> | <b>19</b>  | <b>100</b> |
| <b>Total**</b>     |              | <b>19</b> | <b>100</b> |           |                              |                |            |            |
| <b>Cor de pele</b> | Branca       | 7         | 36,8       | <b>49</b> | <b>Graduações Concluídas</b> | Nenhuma        | 2          | 10,5       |
|                    |              |           |            |           |                              | Uma            | 7          | 36,8       |
|                    | Parda        | 7         | 36,8       |           |                              | Duas           | 9          | 47,4       |
|                    | Branca       | 5         | 26,3       |           |                              | Três           | 1          | 5,3        |
| <b>Total**</b>     |              | <b>19</b> | <b>100</b> |           | <b>Total**</b>               | <b>19</b>      | <b>100</b> |            |

|                          |              |           |            |                          |                      |     |            |  |
|--------------------------|--------------|-----------|------------|--------------------------|----------------------|-----|------------|--|
| <b>Prática Religiosa</b> | Católica     | 12        | 63,2       | <b>Regime de Vínculo</b> | Professor            | 7   | 36,8       |  |
|                          | Evangélica   | 4         | 21,1       |                          | ATB                  | 4   | 21,1       |  |
|                          | Espírita     | 3         | 15,8       |                          | Analista educacional | 2   | 10,5       |  |
|                          | 0 a 10 anos  | 5         | 26,4       |                          | Estagiária           | 2   | 10,5       |  |
| <b>Total**</b>           |              | <b>19</b> | <b>100</b> | Diretor                  | 1                    | 5,3 |            |  |
|                          |              |           |            | Supervisora              | 1                    | 5,3 |            |  |
|                          |              |           |            | Psicólogo                | 1                    | 5,3 |            |  |
|                          |              |           |            | Orientador pedagógico    | 1                    | 5,3 |            |  |
| <b>Tempo de formação</b> | 11 a 20 anos | 6         | 31,7       | <b>Total**</b>           |                      |     | <b>100</b> |  |
|                          | 21 a 30 anos | 5         | 26,4       |                          |                      |     |            |  |
|                          | 31 a 40 anos | 3         | 15,9       |                          |                      |     |            |  |
|                          | <b>Total</b> | <b>19</b> | <b>100</b> |                          |                      |     |            |  |

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

\*\* Os valores totais estão arredondados devido à aproximação dos decimais.

Os profissionais da educação que participaram da investigação e atuavam na escola eram predominantemente formados por mulheres (94,7%), com uma idade média de 49 anos, católicas (63,2%), casadas (36,8%), cor da pele branca ou parda (36,8%) e com filhos (73,7%), sustentando de duas graduações concluídas (47,4%), mantendo uma média de 19 anos da primeira formação profissional. A maioria dos participantes eram professores na escola, conforme consta na tabela 1.

Os resultados alinham-se com a literatura que traça o perfil social do corpo docente de forma convergente, apontando que a maioria da amostra foi composta por mulheres (aproximadamente 83%), com idade entre 30 a 65 anos, apresentando uma média de 44,5 anos de idade e com uma média de 14 anos de formação (Soares e Copetti, 2020). O que reflete a Educação ser a área ainda perpetuada como predominantemente feminina por se tratar da execução de atividades voltadas para o ensino e cuidado.

**Tabela 2-** Avaliação da formação, preparo e vivência dos profissionais da educação acerca da violência intrafamiliar contra as crianças no âmbito escolar. Juiz de Fora, MG, 2024.

| Variável | n | % | Variável | n | % | Média |
|----------|---|---|----------|---|---|-------|
|----------|---|---|----------|---|---|-------|



Já quanto à suspeição de casos de violência intrafamiliar contra as crianças da escola, a maioria da amostra assinalou positivamente (78,9%), além de apontarem afirmativamente ao acompanhamento de casos (89,5%), contudo, quando questionados quanto à confirmação desses casos, essa taxa diminuiu para 73,7%. Além disso, cabe ressaltar que quatro amostras assinalaram que nunca suspeitaram de algum caso de violência intrafamiliar envolvendo sua própria vivência profissional, porém, ao se debruçar sobre a pergunta se em algum momento obtiveram conhecimento sobre um colega que vivenciou algum caso, conforme consta também no diário de campo e entrevista realizada, esse número caiu para dois, o que atesta que a maioria expressiva dos profissionais alguma vez, direta ou indiretamente, já se depararam com casos de violência intrafamiliar.

Não obstante, ressalta-se que, dessas suspeitas, cinco não se confirmaram e não foram notificadas, sugerindo que houveram casos vivenciados e suspeitados, mas as quais não foram passíveis de confirmação e assim não foram notificadas. Segundo diário de campo, os profissionais relataram que as suspeitas em suma maioria ainda estão em processo de investigação pelos órgãos competentes, ou foi finalizada como inconclusiva com a negação dos abusos pela família e sem continuidade do acompanhamento do caso ou do desfecho, ou que criança foi retirada do convívio familiar com perda da guarda pela família, ou acionado o Conselho Tutelar, sendo a criança encaminhada para o abrigo ou que foi retirada da escola pelos pais ou responsáveis.

Os profissionais desconhecem protocolo institucional que os oriente sobre o que fazer a quem procurar e como acompanhar as denúncias dos casos de violência intrafamiliar, informação que corrobora com os dados referentes à falta de capacitação para lidar com os casos, além de autoavaliarem com dificuldades para lidar com os casos suspeitos. Os profissionais que souberam como proceder relatam não possuir fluxo estabelecido, mas citam que em casos suspeitos aciona-se a diretoria da escola, o conselho tutelar, a Superintendência Regional de Ensino (SRE), o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Núcleo de Atendimento Educacional (NAE).

Entretanto, em outro estudo da bibliografia, foi constatado que todos os participantes demonstraram um amplo conhecimento das redes de proteção, além de uma suficiente e adequada habilidade na direção dos casos (Machado e Bottoli,

2011). Essa divergência pode ser explicada pelas distintas realidades onde os dados foram recolhidos, como a distância geográfica, sofrendo assim influências regionais, podendo inferir até mesmo na formação dos profissionais, além da presença de uma rede de proteção mais forte e atuante na localidade, apontando assim para a importância da capacitação e atuação política para que as ações de identificação de casos de violência intrafamiliar sejam efetivas nas escolas e a prevenção seja realizada constantemente.

**Tabela 3-** Caracterização da violência intrafamiliar contra crianças identificadas no âmbito escolar pelos profissionais da educação. Juiz de Fora, MG, 2024.

| Variável   | n         | %          | Variável                    | n         | %          |
|--|-----------|------------|-----------------------------|-----------|------------|
| <b>Tipo de violência intrafamiliar</b>                                   |           |            | <b>Sinais e sintomas</b>    |           |            |
|  |           |            | Lesões pelo corpo           | 15        | 20,8       |
| Violência Física   | 5         | 25         | Apatia                      | 10        | 14         |
| Violência Física e Sexual  | 5         | 25         | Comportamento Agressivo     | 9         | 12,5       |
| Violência Física e Psicológica   | 2         | 10         | Choro Inconsolável          | 8         | 11,1       |
| Violência Sexual   | 1         | 5          | Irritabilidade              | 7         | 9,72       |
| Violência Psicológica  | 1         | 5          | Baixa Assiduidade           | 4         | 5,5        |
| Violência Física, Psicológica e Sexual.                                  | 1         | 5          | Alimentação alterada        | 3         | 4,2        |
| Negligência e Abandono   | 1         | 5          | Isolamento                  | 3         | 4,2        |
| Negligência e Abandono, Violência Física e Psicológica.                  | 1         | 5          | Dificuldade de Socialização | 3         | 4,2        |
| Negligência e Abandono, Tortura, Violência Física, Psicológica e Sexual. | 1         | 5          | Medo de uma pessoa          | 3         | 4,2        |
| Aliciamento de menor   | 1         | 5          | Mutismo                     | 2         | 2,7        |
| Desvio de recursos destinados à criança                                  | 1         | 5          | Enurese                     | 1         | 1,4        |
| <b>Total</b>   | <b>20</b> | <b>100</b> | Insônia                     | 1         | 1,4        |
| <b>Sexo</b>  |           |            | Ansiedade                   | 1         | 1,4        |
| Feminino   | 16        | 61,5       | Hiperatividade              | 1         | 1,4        |
| Masculino  | 10        | 38,4       | Desejo de morte             | 1         | 1,4        |
| <b>Total**</b>   | <b>26</b> | <b>100</b> | <b>Total</b>                | <b>72</b> | <b>100</b> |

| Cor da pele   | n  | %    | Idade (anos) | n  | %    |
|---------------|----|------|--------------|----|------|
| Preta         | 11 | 40,7 | 2            | 2  | 7,6  |
| Parda         | 10 | 37   | 4            | 5  | 19,2 |
| Branca        | 5  | 18,5 | 7            | 1  | 3,8  |
| Não respondeu | 1  | 3,7  | 8            | 5  | 26,3 |
|               |    |      | 9            | 10 | 37,4 |

|                           |                             |           |            |                 |           |            |            |
|---------------------------|-----------------------------|-----------|------------|-----------------|-----------|------------|------------|
|                           | <b>Total**</b>              | <b>27</b> | <b>100</b> |                 | 10        | 1          | 3,8        |
|                           |                             |           |            |                 | 13        | 2          | 7,6        |
|                           |                             |           |            | <b>Total**</b>  |           | <b>26</b>  | <b>100</b> |
| <b>Estrutura familiar</b> |                             |           |            | <b>Agressor</b> |           |            |            |
|                           | Pais e irmãos               | 6         | 33,3       | Pai             | 12        | 32,4       |            |
|                           | Mãe, padrasto e irmãos      | 3         | 16,6       | Mãe             | 9         | 24,3       |            |
|                           | Pai e familiares            | 3         | 16,6       | Padrasto        | 5         | 13,5       |            |
|                           | Mãe, padrasto, irmão e avós | 2         | 11,1       | Desconhecido    | 5         | 13,5       |            |
|                           | Sem laços consanguíneos     | 2         | 11,1       | Avô             | 3         | 8,1        |            |
|                           | Mãe e irmãos                | 1         | 5,6        | Tio             | 2         | 5,4        |            |
|                           | Pais, irmão e avós          | 1         | 5,6        | Irmão           | 1         | 2,7        |            |
|                           | <b>Total**</b>              | <b>18</b> | <b>100</b> | <b>Total**</b>  | <b>37</b> | <b>100</b> |            |

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Nota: O n se refere aos números citados de casos suspeitados, acompanhados e notificados pelos participantes, o que pôde gerar totais divergentes do número de participantes, profissionais da educação entrevistados

\*\* Os valores totais estão arredondados devido à aproximação dos decimais

Quanto à caracterização referente à tipologia da violência intrafamiliar identificada pelos profissionais da educação nos relatos das entrevistas, a violência física foi a mais prevalente nos relatos (23,8%), sobressaindo na grande maioria das vezes associada a outros tipos de violência, como a sexual (23,8%) e a psicológica (9,56%).

Os profissionais relataram que os agressores citados como autores das agressões foram em sua maioria o pai (32,4%), a mãe (24,3%) e o padrasto (13,5%). Convém ainda relatar que 13,5% dos profissionais desconhecem quem foram os agressores.

De acordo com a literatura, a prevalência maior dos agressores é do sexo masculino (40,2%), prosseguida pelo sexo feminino (30,3%), sendo a figura paterno-materna (43%) e padrasto/madrasta (10,7%) as mais prevalentes, convergindo integralmente com os dados apresentados na tabela 3 (Sommer et al, 2017). Este dado traz reflexões acerca da segurança da criança no âmbito familiar e a importância da escola, como o segundo ambiente em que a criança mais convive, sendo de vital importância que os profissionais estejam capacitados e preparados para identificarem e conduzirem as suspeitas de violência intrafamiliar contra crianças.

Estar atento aos principais tipos de violência mais frequentes que são acometidas nas crianças no ambiente familiar é imprescindível, principalmente

considerando a literatura que atesta os potenciais riscos que isto implica contra a saúde dos pequenos, podendo ocasionar no futuro distúrbios de alimentação e eliminação, do sono, além desses, pode ocorrer a automutilação, as escarificações, o aumento da incidência de doenças injustificável por causas orgânicas, comportamentos obsessivos ou compulsivos, o uso abusivo de drogas e a dependência de psicotrópico com consequências na vida adulta (Brasil, 2010; Dovran et al., 2019; Souza, 2022; Antunes et al 2020).

Já relacionado aos sinais e sintomas sugestivos de violência intrafamiliar que geram suspeitas pelos profissionais da educação, destacam-se as lesões pelo corpo (20,8%) como o sintoma mais presente nos relatos, o que converge com o resultado de ser a violência física (23,8%) a tipologia mais prevalente. Outros sintomas também sobressaem e são importantes a serem observados em crianças em fase escolar a fim de que providências sejam tomadas o mais rápido possível, como: a apatia (14%); o comportamento escolar agressivo (12,5%); choro inconsolável (11,1%); irritabilidade (9,72%); baixa assiduidade (5,5%); ansiedade (1,4%); enurese (1,4%) e desejo ao autoextermínio (1,4%).

Estes dados vão de encontro com a literatura que pontua os principais sinais e sintomas sugestivos de violência intrafamiliar observados e identificados no ambiente escolar, descrevendo as lesões corporais, mudanças de comportamento, piora do rendimento escolar e baixa assiduidade como os principais sinais e sintomas descritos nas instituições de ensino (Cordeiro *et al*, 2020). Essas agressões geram impactos no desenvolvimento, como perdas ou regressão de etapas atingidas, atraso e dificuldades no desenvolvimento da fala e aprendizagem, desejo de morte e tentativa de suicídio, déficit de atenção e sintomas de hiperatividade (Brasil, 2010; Dovran et al., 2019; Souza, 2022; Antunes et al 2020).

O perfil das crianças violentadas aponta para a prática ser mais prevalente em crianças do sexo feminino (59,2%), pretas e pardas (77,7%), dado este que corresponde a mais  $\frac{3}{4}$  de todos os casos de violência citados durante as entrevistas, e com idade de 09 anos (37%).

Esse indicador vai precisamente de encontro a um estudo que utilizou o inquérito epidemiológico de base escolar realizado pelo (IBGE). Nos resultados, os autores afirmam que o perfil das crianças vítimas de violência é composto por alunos de escolas públicas, do sexo feminino, com média de 14 anos de idade que

autodeclararam sua cor/raça como pardos e que moravam com ambos os pais (Terribele e Munhoz, 2021).

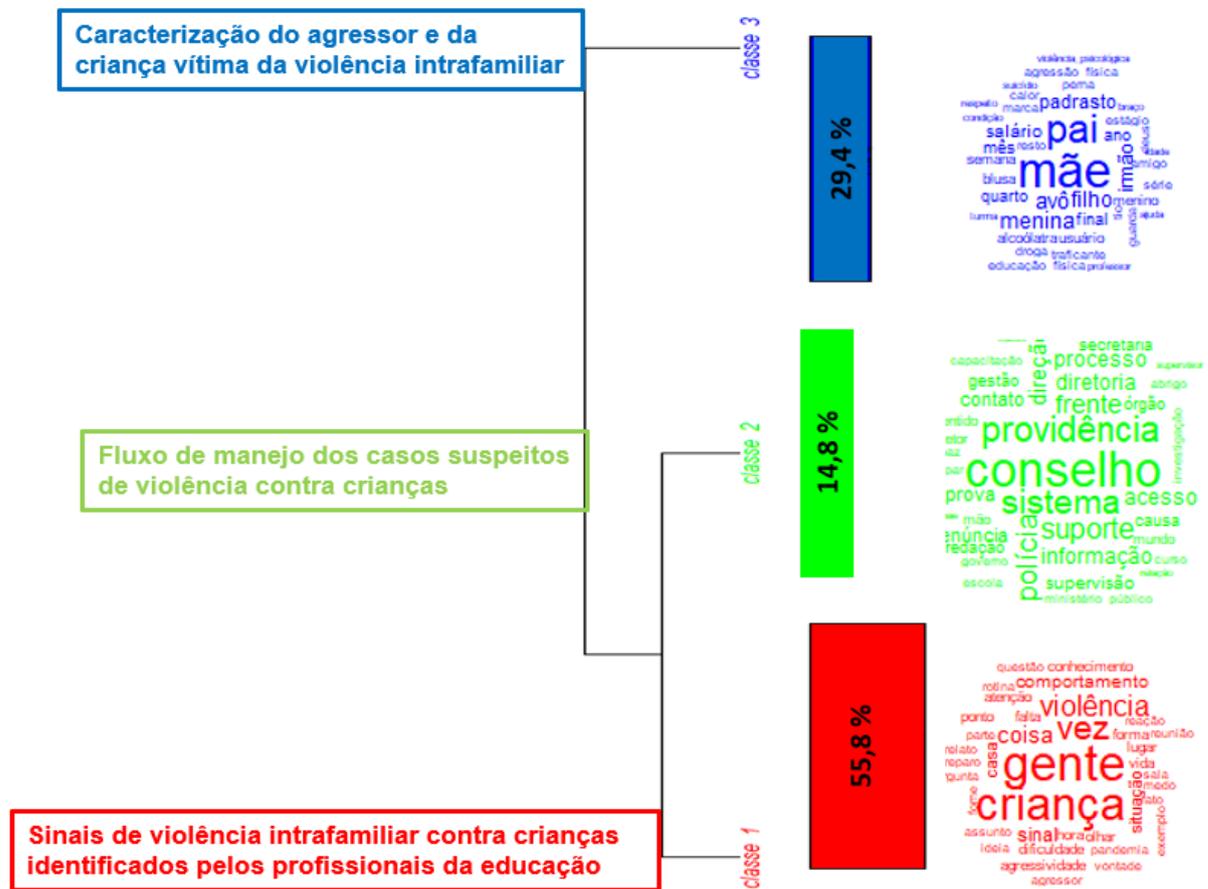
Além deste, uma outra análise internacional que associou abusos na infância com dinâmica da puberdade em meninas vítimas de violência com idade a partir dos 12 anos encontrou fatores de riscos maior para as meninas abusadas, principalmente envolvendo a infecção precoce pelo (HPV), vírus principal desencadeador de câncer de colo do útero. Além desses achados, os autores também identificaram uma maior prevalência da puberdade precoce nas meninas vítimas da violência quando comparadas às meninas que não sofreram violência (Li et al 2020).

Na presente investigação, somente 26,3% das crianças moravam com os pais e irmãos e 7,7% moravam com outras pessoas, além da mãe e/ou pai, como padrastos, avós ou pessoas sem laços consanguíneos, o que pode demonstrar uma fragilidade de estrutura familiar no cotidiano dessas crianças.

A seguir serão apresentadas as análises do *corpus* textual, dados subjetivos resultantes das entrevistas aos profissionais da educação pela CHD. Emergiram 894 segmentos de textos (ST) divididos em três classes com aproveitamento de 73,94 % do *corpus*. Foram analisados 19 textos, separados em 894 ST com aproveitamento de 661 ST (73,94 % do *corpus*).

O *corpus* analisado foi categorizado e três classes: Classe 1- Sinais de violência intrafamiliar contra crianças identificadas pelos profissionais da educação (55,8 %); Classe 2- Fluxo de manejo dos casos de suspeita de violência contra crianças (14,8 %); e Classe 3 - Caracterização do agressor e da criança, vítima da violência intrafamiliar (29,4%), conforme ilustrado na Figura 1.

**Figura 1-** Dendograma da categorização e a apresentação das palavras com maior ocorrência do *corpus* acerca da violência intrafamiliar contra crianças por profissionais da educação de uma escola pública. Juiz de Fora, MG, 2024



Fonte: Dados da Pesquisa (2023). Elaborado pelo autor a partir do conteúdo extraído do IRAMUTEQ.

### Sinais de violência intrafamiliar contra crianças identificados pelos profissionais da educação

Ao analisar a nuvem é possível identificar que as palavras com significado e com frequências e  $\chi^2$  significativos no *corpus* textual foram: “gente (75,5% e  $\chi^2$  =51,1)”; “criança (77,2% e  $\chi^2$  = 49,2);” “sinal (100% e  $\chi^2$  12,9);” “comportamento (94,2% e  $\chi^2$  =10,3);” “casa (72,4% e  $\chi^2$  =8,6);” “agressividade (90% e  $\chi^2$  =4,8);” “atenção (100% e  $\chi^2$  =4,7);” “pandemia (100 e  $\chi^2$ =3,9;” e “dificuldade (81,8 e  $\chi^2$  =6,2)”.

Os principais sintomas sugestivos para evidências de violências contra as “crianças” escolares foram referidos como parâmetros de mudança do “comportamento” traduzida em “agressividade”, “dificuldade de atenção” e ao medo.

Contudo, chama a atenção pontos importantes, como a palavra-chave “pandemia” que, segundo as entrevistas, contribuíram ao aumento das suspeitas, principalmente considerando o fim do período de isolamento que resultou nas crianças retornarem muito mais vulneráveis às escolas.

“[...] se tornam muito agressivos, outros muito emotivos, choram muito, se escondem muito, ficam inibidos a qualquer pergunta que façam a eles, não respondem. Um dos maiores sinais na escola que a gente presencia é a mudança de comportamento, que é violência.”

“[...] houve uma mudança no comportamento das crianças de antes da pandemia para depois, quando saíram do isolamento.”

Estes sinais apontam para os principais sinais e sintomas sugestivos de violência intrafamiliar observados e identificados no ambiente escolar, acrescido das lesões corporais, piora do rendimento escolar e baixa assiduidade, descritos nas instituições de ensino (Cordeiro *et al*, 2020) e que devem ser criteriosamente e sistematicamente observados nos alunos pelos profissionais da educação, a fim de serem cessados, acompanhados para que repercussões graves no desenvolvimento, aprendizagem e crescimento da criança não ocorram assim como impactos na vida adulta .

### **Fluxo de manejo dos casos de suspeita de violência contra crianças**

Ao analisar a nuvem é possível identificar que as palavras com significado e com as maiores frequências no *corpus* textual foram: “conselho tutelar (80,7% e  $x^2=93,2$ )”; “providência (86,6% e  $x^2=62,7$ )”; “polícia (84,6% e  $x^2= 51,1$ )”; “suporte (100% e  $x^2=46,5$ )”; “diretoria (100% e  $x^2=28,1$ )”; “processo (85,7% e  $x^2=28,1$ )”; “acesso (77,7% e  $x^2= 28,6$ )” e “denúncia (83,3% e  $x^2= 22,5$ )”.

Os principais pontos chaves quanto ao conhecimento sobre fluxograma pelos entrevistados foi o destaque ao Conselho Tutelar como órgão central alinhado à rede no conhecimento deles.

“[...] como escola, registramos casos suspeitos e o sistema filtra essas informações para os órgãos competentes, como o conselho tutelar e a polícia. Realizamos um curso para aprender a usar o sistema, mas ele é complexo e de acesso restrito à diretoria e secretaria da escola.”

Contudo, cabe destacar alguns pontos, como o fato de relatarem que a “diretoria” é quem toma “providência” dos casos e dão “suporte”, além de palavras como “capacitação” e “curso” como pontos de destaque para uma afirmação única para caracterizar a carência e as dificuldades frente ao manejo. Importante ressaltar também a falta de uma presença ativa e de articulação clara entre as autoridades e o receio dos profissionais em conduzir as “denúncias”, muito atrelado ao medo de retaliação.

“[...] eu acho que tem que melhorar em questão do sistema, pois quando você chama o conselho tutelar eles não nos atendem, e então só quando a situação tá fora do controle que o conselho tutelar vem.”

“[...] mas a gente fica de mãos atadas porque a gente tem pouco preparo porque pra você fazer uma denúncia ao conselho tutelar, você tem que ter provas, então é um processo que você precisa ter provas e, assim, você coloca nossa vida e a vida da gente em risco”

Leite, et al. 2016; Cordeiro et al, 2020 também abordou esta situação, principalmente ao considerar a subnotificação de casos de maus tratos às crianças e aos adolescentes como realidade que ocorre devido ao medo de encarar o agressor e notificar casos detectados de violência doméstica, sendo, na maioria das vezes, delegada ou até mesmo negligenciada como medida de proteção, pois os agentes que denunciam se sentem desamparados para lidar com o fenômeno da violência doméstica, além de sobrecarga de trabalho e ausência de uma rede de apoio forte e especializada para acolher estes casos.

Não foi encontrado na literatura vigente um fluxograma oficial publicado de quaisquer secretarias do governo estadual de Minas Gerais, tampouco do município onde se realizou a presente investigação. Entretanto, há uma cartilha do Ministério Público de MG destinados aos profissionais da educação ao qual os orientam a respeito dos órgãos públicos da rede de apoio, quais são suas respectivas funções na condução dos casos e como são realizadas as diligências quanto à presença de violações de direitos. Porém, a cartilha não é específica para violência intrafamiliar, objeto da análise deste estudo, tendo como enfoque situações de violências intraescolares (Belo Horizonte, 2016).

Neste presente estudo, os profissionais da educação apresentam habilidades subjetivas para identificar nos alunos sinais e sintomas sugestivos para violência intrafamiliar e, frente à falta de conhecimento e existência de fluxo, repassam a suspeita aos superiores, porém, defronta-se com dificuldades encontradas quanto ao conhecimento de protocolos institucionais da secretaria estadual de educação, bem como do funcionamento da rede de atenção multidisciplinar à criança e ao adolescente, principalmente aos órgãos públicos que acompanham as denúncias, além das preocupações quanto a sua própria segurança quanto da suspeita e denúncia.

Identifica-se uma necessária capacitação dos profissionais da educação a fim de suprir com as lacunas e a integração com os setores responsáveis para assim criar um envolvimento interdisciplinar na rede de proteção das crianças e adolescentes, sobretudo considerando que, de acordo com o ECA, é dever de todos, especialmente dos profissionais, promover prevenção da violência a essa população, independentemente da área de atuação (Brasil, 1990).

### **Caracterização do agressor e da criança, vítima da violência intrafamiliar**

Ao analisar a nuvem é possível identificar que as palavras com maiores frequências no *corpus* textual foram “mãe (86,8% e  $x^2=136,8$ )” seguido de “pai (73,2% e  $x^2=105,4$ )”, “avô (100% e  $x^2=47$ )”; “menina (81,8% e  $x^2=46,1$ )”; “padrasto (86,9% e  $x^2=38,1$ )”; “alcoólatra (100% e  $x^2=19,4$ )”; “droga (77,7% e  $x^2=10,3$ )”; “agressão\_física (100% e 7,25)” e “violência\_psicológica ( 80% e  $x^2=6,23$ )”.

Nesta categoria, demonstram-se os principais agentes causadores da violência e o meio onde a criança convive, com destaque para “pai”, “mãe”, “padrasto”, “avô”. Além desses, é importante ressaltar a palavra “menina”, exposta como a principal vítima das ações violentas. Importante frisar também que a palavra “mãe” apareceu com maior frequência nas entrevistas, em contraste com a frequência dos abusos serem cometidos pelo pai, descritos na tabela 3. Esse fato é explicado devido a muitas vezes a palavra “mãe” aparecer nos relatos não associada diretamente como praticantes dos casos de violência, mas como agente familiar no contexto da violência.

“[...] eu cheguei lá nessa casa e ela estava toda machucada porque o pai dele é traficante e ele bateu na criança e não deixou ir na escola para eu não ver que ele estava machucado.”

“[...] a menina chegou na escola toda marcada de cigarro, a mãe é usuária e marcou. A menina chegou na escola nesse estado, mas a família negou”

Sommer et al, 2017 discute a dinâmica da violência intrafamiliar dentro da perspectiva crítica de justificativa, levantando boas hipóteses que contextualizam o cenário familiar caracterizador como fator de risco à violência, destacando as crises financeiras, conjugais, instabilidade do núcleo familiar, número excessivo de filhos, dúvidas quanto à paternidade, óbitos, alcoolismo ou envolvimento com drogas e ao tráfico, dados estes que apareçam repetidas vezes nas entrevistas.

“[...] eu acho que foi tirada da mãe porque a mãe era usuária e passaram para algum outro parente, que são só os avós.”

“[...] se eu não me engano uma era da mãe que era alcoólatra e o outro parece que era o padrasto que eu estou me lembrando mais ou menos, uma era de mamãe alcoólatra mãe solo”

Ao considerar o agressor como familiar próximo ao vínculo da criança, segundo os relatos, estimula à reflexão a respeito da associação da violência ao contexto de vulnerabilidade da estrutura familiar ao qual a criança convive já descrita anteriormente, tais como a prevalência do alcoolismo e drogas, além da configuração familiar ter como integrantes padrastos, avós e tios, estimulando uma ponderação ao contexto que envolve separação, muitas das vezes, conflituosa, além de uma nova configuração familiar, a qual a criança passa a conviver.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente investigação evidenciou que a maioria dos profissionais da educação são mulheres, ao qual relatam não terem capacitação suficiente para lidarem com possíveis casos de violência intrafamiliar contra os alunos, vítimas essas compostas por meninas pretas e pardas principalmente, próximas do início da puberdade. A violência física foi a mais identificada, seguida da sexual e psicológica

sendo caracterizados através de sintomas, como de lesões pelo corpo e por sinais, como a apatia, o choro inconsolável, a irritabilidade e a baixa assiduidade escolar.

Foi identificado através da categorização do *corpus* a reafirmação dos dados referente aos sinais de violência intrafamiliar contra crianças identificados pelos profissionais da educação, a inexistência de fluxo para o manejo dos casos de suspeita de violência contra crianças e a identificação do agressor como pertencente ao vínculo consanguíneo da criança, principalmente o pai, seguido da mãe, acompanhado do padrasto, além das meninas como as maiores vítimas.

Destaca-se que as violências são praticadas pela família, contra meninas pretas e pardas em idade próxima à puberdade e que os profissionais da educação apresentam habilidades subjetivas para identificar nos alunos sinais e sintomas sugestivos para violência intrafamiliar e que repassa a suspeita aos superiores pela maioria dos relatos, porém, desconhecem ou encontram dificuldades quanto ao conhecimento de protocolos institucionais da secretaria estadual de educação, bem como do funcionamento da rede de atenção multidisciplinar à criança e ao adolescente, principalmente aos órgãos públicos que acompanham as denúncias.

Dessa forma, identificou-se que é necessária uma capacitação generalizada dos profissionais da educação para suprir com as lacunas supracitadas. Além disso, observam-se os profissionais da educação isolados nessa batalha, surgindo a importância de integralizar um apoio ampliado a estes, principalmente dos profissionais da saúde da atenção primária de referência da escola, para assim, criar um envolvimento interdisciplinar na rede de proteção das crianças e adolescentes.

Identifica-se como lacuna a pesquisa ser realizada em uma única instituição. Sugere-se novas pesquisas sobre a identificação de violência intrafamiliar pela escola em contextos variados a fim de produzir dados importantes para o conhecimento dessa realidade e uma efetiva prevenção e atuação profissional dos diversos setores envolvidos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Juliana Teixeira, MACHADO, Ísis Eloah e MALTA, Deborah Carvalho. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. **Revista Brasileira de Epidemiologia** 2020, v. 23, n. Suppl 01 [Acessado 27 Setembro 2022] , e200003.SUPL.1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200003.supl.1>> Acesso em: 8 jan. 2024

BELO HORIZONTE. 23ª Promotoria de Justiça de Defesa Dos Direitos Das Crianças e dos Adolescentes. **Educação: Semente para um mundo melhor (cartilha)**. Belo Horizonte, 2016 [s.n.]. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/data/files/FA/42/DC/4D/110DB710332CCAB7760849A8/Cartilha%20Semente%20Setembro-2016%20extranet.pdf>> Acesso em: 8 jan 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E/OU OUTRAS VIOLÊNCIAS** - Sinan. 2022 Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinanet/violencia/bases/violebrnet.def>>. Acesso em: 13 dez 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde / Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas - Brasília, 2010. Disponível em: <[https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_crianças\\_famílias\\_violências.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violências.pdf)> Acesso em: 13 dez 2022

BRASIL. Lei 8.069, de 13 Julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União 1990; 16 jul. Acessado 22 Agosto de 2022

CAMARGO Brigido Vizeu, JUSTO Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (2021). Disponível em: <[http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues\\_22.11.2021.pdf](http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_22.11.2021.pdf)>. Acesso em: 8 jan. 2024.

CELEPAR. **Tipos de Violência - Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <<https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2148.html>>. Acesso em 28 set 2022

CORDEIRO, Kátia Cordélia Cunha, et al. “Identificação de Violência Em Adolescentes: Discurso de Educadoras.” **Revista de Enfermagem UFPE on Line**, [S.L], vol. 14, Jan. 2020. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243193>.

DOVRAN, Anders; WINJE, Dagfinn; AREFJORD, Kjersti; TOBIASSEN, Stian; STOKKE, Kristin; SKOGEN, Jens Christoffer; ØVERLAND, Simon. Associations between adverse childhood experiences and adversities later in life. Survey data from a high-risk Norwegian sample. **Child Abuse & Neglect**, [S.L.], v. 98, p. 104234, dez. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104234>. Disponível em: <https://www.mendeley.com/reference-manager/reader/f4af06fa-6750-3174-89c8-17c262bedf8f/559325cd-1f0e-1507-7354-3c738a5769f1>. Acessado 20 Agosto de 2022

LEITE, Jéssica Totti et al. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, e55796, 2016. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.55796>>. Acessado em 22 agosto de 2022. Epub 07-Jul-2016

MACHADO, Tássia Brenner; BOTTOLI, Cristiane. Como os professores percebem a violência intrafamiliar. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 38-59, jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782011000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08 jan. 2024.

MOTA, Fabiana Dantas Soares Alves da; SOBRINHO, Zéu Palmeira (coord.). Trabalho infantil e pandemia: diagnóstico e estratégias de combate. Natal: **EJUD/NETIN**, out. 2020. p.122-141. ISBN 978-65-992545-0-5. E-book (390 p.) Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Alvori-Ahlert/publication/349657503\\_Reflexoes\\_sobre\\_o\\_trabalho\\_infantil\\_Crime\\_ou\\_necessidade\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia\\_da\\_Covid-19/links/60ed967416f9f313007c9248/Reflexoes-sobre-o-trabalho-infantil-Crime-ou-necessidade-em-tempos-de-pandemia-da-Covid-19.pdf#page=122](https://www.researchgate.net/profile/Alvori-Ahlert/publication/349657503_Reflexoes_sobre_o_trabalho_infantil_Crime_ou_necessidade_em_tempos_de_pandemia_da_Covid-19/links/60ed967416f9f313007c9248/Reflexoes-sobre-o-trabalho-infantil-Crime-ou-necessidade-em-tempos-de-pandemia-da-Covid-19.pdf#page=122)> Acesso em 07 fev 2023.

NIU, Li. et al. The interaction between pubertal timing and childhood maltreatment on the risk of human papillomavirus infection among adolescent girls and young women. *Preventive medicine*, v. 138, n. 106126, p. 106126, 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7808758/>> Acesso em: 8 de jan. 2024

ORR, Carol et al. Exposure to family and domestic violence is associated with increased childhood hospitalisations. **Plos One**, [S.L.], v. 15, n. 8, p. 2-18, 7 ago. 2020. Public Library of Science (PLoS). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0237251>. Acesso em: 13 dez 2022

SOARES, Renata. Godinho.; COPETTI, Jaqueline. FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE: PERFIL E COMPREENSÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RS. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 40, p. 573-591, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i40.6446. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6446>. Acesso em: 8 jan. 2024.

SOMMER, Damiana. et al. Caracterização da violência contra crianças e adolescentes: indicativos para a prática do enfermeiro. **Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 13, p. 14-28, 2017. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadeenfermagem/article/view/2607>>. Acesso em: 8 jan. 2024

SOUSA, Maria das Graças de Melo et al. Contexto familiar e sofrimento mental em adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n.27, p.140-157, jun. 2022. Disponível em

<[http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1647-21602022000100140&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602022000100140&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 set. 2022.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. DOI: 10.34019/2237-9444.2020.v10.31559. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 7 fev. 2023

TERRIBELE, Flora Beatriz Proiette e MUNHOZ, Tiago Neuenfeld. Violência contra escolares no Brasil: Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2015). **Ciência & Saúde Coletiva** [S.L.]. 2021, v. 26, n. 01, pp. 241-254. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.32272018>>. Acessado 20 Agosto de 2022

VIDAL, Angélica Rego; MIRANDA, Brenda Almerinda Araújo. O papel da escola na efetivação dos direitos da criança e do adolescente: perspectivas e impactos da ausência do ambiente escolar durante a pandemia do covid-19. In: MOTA, Fabiana Dantas Soares Alves da; SOBRINHO, Zéu Palmeira (coord.). Trabalho infantil e pandemia: diagnóstico e estratégias de combate. Natal: **EJUD/NETIN**, out. 2020. p. 122-141. ISBN 978-65-992545-0-5. E-book (390 p.). Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Alvori-Ahlert/publication/349657503\\_Reflexoes\\_sobre\\_o\\_trabalho\\_infantil\\_Crime\\_ou\\_necessidade\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia\\_da\\_Covid-19/links/60ed967416f9f313007c9248/Reflexoes-sobre-o-trabalho-infantil-Crime-ou-necessidade-em-tempos-de-pandemia-da-Covid-19.pdf#page=122](https://www.researchgate.net/profile/Alvori-Ahlert/publication/349657503_Reflexoes_sobre_o_trabalho_infantil_Crime_ou_necessidade_em_tempos_de_pandemia_da_Covid-19/links/60ed967416f9f313007c9248/Reflexoes-sobre-o-trabalho-infantil-Crime-ou-necessidade-em-tempos-de-pandemia-da-Covid-19.pdf#page=122)>. Acesso em 07 fev 2023.

WHITE, Richard *et al.* Respondent driven sampling: where we are and where should we be going? **Sex Transm Infect** 2012; v.88, n.6, p.397-9. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23012492/>>. Acesso em 20 Agosto de 2022

## **ANEXOS E APÊNDICES**

## APÊNDICE 1 – Instrumento para a Coleta de Dados



| CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES  |   |  |
|---|---|--|
| <b>Código do Participante:</b> _____  | <b>Data:</b> ____/____/____   |  |
| <b>Idade:</b> _____   | <b>Gênero:</b> ( ) masculino; ( ) Feminino; ( ) Transgênero ; ( ) outros, qual? _____ |  |
| <b>Cor da pele autodeclarada:</b> ( ) Branca; ( ) Preta; ( ) Parda; ( ) Indígena; ( ) Amarela; ( ) Outro; especifique: _____.   |   |  |
| <b>Estado civil:</b> ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Divorciado ( ) Viúvo(a) ( ) União estável ( ) com companheiro ( ) Outro; especifique: _____  |   |  |
| <b>Tempo de formação:</b> ____meses_  | <b>Tempo de atuação profissional:</b> ____meses                                       | <b>Tempo de atuação na escola:</b> ____meses |
| <b>Renda (SM):</b> ( ) < 1 Salário mínimo; ( ) 1 Salário mínimo; ( ) 2 Salários mínimos; ( ) 3 Salários mínimos; ( ) 4 Salários mínimos. ( ) 5 ou mais Salários mínimos.  |   |  |
| <b>Formação:</b> ( ) Pedagogia; ( ) Letras; ( ) Matemática; ( ) Geografia; ( ) História; ( ) Sociologia; ( ) Filosofia; ( ) Teologia; ( ) Assistência Social; ( ) Psicologia; ( ) Graduação em andamento; especifique: _____ ( ) Outros; especifique: _____   |   |  |
| <b>Pós graduação:</b> ( ) Sim; especifique: _____ ( ) Não   |   |  |
| <b>Você, alguma vez, já recebeu capacitação para identificar casos de violência?</b> ( ) não, ( ) sim, qual? _____  |   |  |
| <b>Regime de Vínculo com a instituição:</b> ( ) Diretor; ( ) Orientador pedagógico; ( ) Professor; ( ) Psicólogo; ( ) Assistente Social; ( ) Outro; especifique: _____  |   |  |
| <b>Série de ensino que atua:</b> ( ) 1º ano; ( ) 2º ano; ( ) 3º ano; ( ) 4º ano; ( ) 5º ano;;   |   |  |
| CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS E FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO E CONDUÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS  |   |  |
| <b>Já suspeitou de alguma violência intrafamiliar contra um aluno desta escola?</b> ( ) Sim; ( ) Não.   |   |  |
| <b>Caso não, você já soube ou acompanhou algum caso de violência intrafamiliar contra algum aluno da escola junto ao seu colega?</b> ( ) Sim; ( ) Não.  |   |  |
| <b>Essa suspeita se confirmou?</b> ( ) Sim; ( ) Não.  |   |  |
| <b>Foi notificado?</b> ( ) Sim; ( ) Não.  |   |  |
| <b>Qual foi o desfecho do caso?</b> _____   |   |  |
| <b>Qual foi o tipo de violência que este(a) aluno(a) sofreu?</b> ( ) violência patrimonial; ( ) aliciamento sexual infantil on-line; ( ) bullying; ( ) cyberbullying; ( ) discriminação; ( ) exposição de nudez sem consentimento (sexting); ( ) negligência e abandono; ( ) pornografia infantil; ( ) tortura; ( ) trabalho infantil; ( ) tráfico de crianças e adolescentes; ( ) violência física; ( ) violência psicológica; ( ) violência sexual; outra, qual? _____  |   |  |
| <b>Como você, ou seu colega, suspeitou que a criança sofria violência?</b> ( ) irritabilidade; ( ) comportamento escolar agressivo; ( ) baixo desempenho escolar; ( ) baixa assiduidade; ( ) apatia; ( ) tristeza constante; ( ) alterações na alimentação; ( ) relata fazer xixi na cama; ( ) faz cocô na roupa (usa fralda); ( ) insônia; ( ) dificuldade de socialização; ( ) isolamento; ( ) mutismo; ( ) lesões no corpo. Se sim, qual tipo e local: _____. ( ) dificuldade de aprendizagem; ( ) ansiedade; ( ) medo em relação a uma pessoa. Se sim, quem: _____. ( ) tique ou manias; ( ) TOC; ( ) automutilação; ( ) desejo de morte; ( ) hiperatividade; ( ) baixa autoestima; ( ) uso de álcool; ( ) uso de |   |  |

|   |
|---|
| drogas, quais _____; ( ) Outros, quais: _____   |
| <b>Quem foi o agressor?</b> ( ) Mãe; ( ) Pai; ( ) Padrasto, ( ) Vizinho; ( ) Vizinha; ( ) Tio; ( ) Tia, ( ) Irmão; ( ) Irmã; ( ) Avô; ( ) Avó; ( ) Primo; ( ) Prima; ( ) Desconhecido; ( ) Outro, qual vínculo com a criança? _____   |
| <b>Quais profissionais que atuaram junto com a escola em casos de violência suspeita:</b> ( ) Assistente social; ( ) Polícia militar; ( ) Polícia civil; ( ) Conselho tutelar; ( ) Ministério público; ( ) outro, qual? _____<br>Existe um fluxograma para acompanhamento/resolução dos casos de violência contra crianças? ( ) não; ( ) sim, qual? _____ |
| <b>CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS VÍTIMAS OU COM SUSPEITA DE VIOLÊNCIA</b>   |
| <b>Qual era a idade da criança que foi identificada a violência?</b> ( ) 6 anos; ( ) 7 anos; ( ) 8 anos; ( ) 9 anos; ( ) 10 anos; ( ) 11 anos; ( ) 12 anos.   |
| <b>Qual o sexo?</b> ( ) masculino; ( ) feminino; ( ) outro _____  |
| <b>Qual era a raça da criança?</b> ( ) branca; ( ) preta; ( ) parda; ( ) indígena; ( ) amarela; ( ) outro, especifique: _____   |
| <b>Qual era a série escolar do aluno quando sofreu a violência?</b> ( ) 1º ano; ( ) 2º ano; ( ) 3º ano; ( ) 4º ano; ( ) 5º ano; ( ) 6º ano.   |
| <b>Como era a estrutura familiar da criança?</b> ( ) pais casados; ( ) pais separados; ( ) pais com união estável; ( ) pais separados. Nesse caso, a criança mora com: ( ) mãe; ( ) pai; ( ) madrasta ( ) padrasto; ( ) avô; ( ) avó; ( ) tio(a) ( ) irmão(ã) ( ) outros, qual vínculo com a criança? _____; ( ) não sei responder. outro, quais _____    |
| <b>QUESTÕES NORTEADORAS A SABER</b>   |
| <b>O que você entende sobre violência intrafamiliar com crianças? Você sabe quais são os tipos de violência que podem contra as crianças?</b>   |
| <b>Quais são os sinais e/ou sintomas que a criança pode apresentar que te leva a suspeitar que ela esteja sofrendo alguma violência?</b>  |
| <b>Como você age ou agiria caso suspeitasse de algum caso de violência contra os seus alunos?</b>   |
| <b>Você sabe como funciona o sistema de notificações de violência contra crianças? Se sim, como é?</b>  |
| <b>Você sabe como é feita a abordagem dos casos de violência contra crianças com a família e o agressor?</b>  |
| <b>Vocês acompanham o desfecho dos casos identificados na escola?</b>   |
| <b>Você teve capacitação acerca de sua atuação nos casos de violência contra crianças? Você julga que foi suficiente para sua atuação? Porque? Se não, você sente falta de ter tido uma capacitação para atuar na identificação e condução de casos de violência contra crianças?</b>   |
| <b>Qual a sua dificuldade para lidar com os casos suspeitos de violência intrafamiliar contra crianças?</b>   |
| <b>Como a escola atua para facilitar a identificação de casos suspeitos de violência intrafamiliar?</b>   |
| <b>Existe um fluxograma para que os profissionais possam se basear para facilitar a identificação e condução pela escola dos casos de violência intrafamiliar contra crianças? Se sim, como é?</b>  |
| <b>INFORMAÇÕES ADICIONAIS E REGISTROS DE DIÁRIO DE CAMPO</b>  |
| _____<br>_____<br>_____<br>_____  |

|   |
|---|
| _____<br>_____<br>_____<br>_____<br>_____ |
|---|

## APÊNDICE 2 – TCLE



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada **"VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS: PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE ENSINO PÚBLICO"**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é devido a **prevalência da violência ser maior em alunos de escola pública; a relevância para a saúde, ensino e educação, tendo em vista que as consequências dos abusos podem persistir e interferir na qualidade de vida desse público na idade adulta; as suspeitas de abusos contra as crianças devem ser de notificação compulsória e a da importância da escola como agente no combate à violência, tendo em vista que é o local onde a criança convive significativa parcela do tempo além do núcleo familiar.** Nesta pesquisa pretendemos **caracterizar a forma de identificação e condução de casos de violência intrafamiliar contra crianças pelos profissionais da educação de um ensino público estadual.**

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: **realizar uma breve entrevista presencial ou online, via plataforma Google Meet, com gravação de áudio e vídeo, guiada por um instrumento de coleta de dados e por questões norteadoras a respeito da violência intrafamiliar contra crianças identificadas pelo profissionais da educação.** Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **riscos mínimos, ou seja, aqueles decorrentes das atividades que envolvem uma conversa para a obtenção de sua opinião sobre a temática desta investigação.** Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **utilizaremos de técnicas comunicacionais e de convivência baseada no respeito e na dignidade humana, além de utilizarmos códigos para manter o anonimato de sua participação, o que evita que seu nome apareça na pesquisa.** A pesquisa pode ajudar Esperam-se que os resultados contribuam para a **caracterização dos profissionais da educação, da rede de apoio e proteção que atuam frente aos casos e das crianças vítimas de violência intrafamiliar no ambiente escolar pesquisado além de possibilitar conhecermos o tipo e forma de identificação das violências e existência de fluxograma para correta condução dos casos identificados.** Espera-se também que os resultados gerem reflexões acerca da **importância da atuação e capacitação dos profissionais para atuarem na identificação e combate da violência infantil intrafamiliar.**

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a). A pesquisadora responsável pela pesquisa não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável (Profa. Dra Paula Krempser) e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

*Paula Krempser*

**Profa. Dra. Paula Krempser - Pesquisadora responsável**  
Faculdade de Enfermagem da UFJF- Departamento de  
Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública (EMP)-Rua Campus da  
UFJF- Martelos, Juiz de Fora – 36036900.  
Tel: (32) 2102-3821. E-mail:  
paulakrempser.ufjf@gmail.com

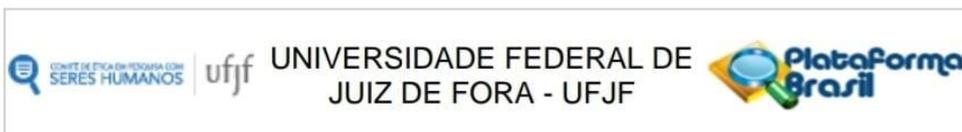
\_\_\_\_\_  
Nome do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

O CEP avalia protocolos de pesquisa que envolve seres humanos, realizando um trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFJF- Campus Universitário da UFJF  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - CEP: 36036-900  
Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: [cep\\_propp@ufjf.br](mailto:cep_propp@ufjf.br)

## ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS: PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE ENSINO PÚBLICO

**Pesquisador:** Paula Krempser

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68220223.8.0000.5147

**Instituição Proponente:** Faculdade de Enfermagem

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.036.845

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

De acordo com as Informações Básicas, o resumo da pesquisa é assim descrito:

"A violência intrafamiliar é considerada toda ação ou omissão que entrava o convívio e o bem-estar físico e psicológico. É caracterizada por ser praticada dentro ou fora da residência, podendo ser cometida por qualquer membro da família, incluindo pessoas que não apresentem laços consanguíneos. Em relação às crianças, o impacto da violência gera profusos impactos, como atraso no desenvolvimento, dificuldades no desenvolvimento da fala, distúrbios do sono, ansiedade, baixa autoestima, desejo de morte, tentativa de suicídio, entre várias outras. Além disso, ao considerar a escola como o primeiro local onde a criança mais convive fora do núcleo familiar, é imprescindível a inclusão e a capacitação dos profissionais da educação no processo de identificação dos sinais e sintomas sugestivos de maus tratos ou abusos. Objetivo: Caracterizar a forma de identificação e condução de casos de violência intrafamiliar contra crianças pelos profissionais da educação do ensino público estadual. Método: Trata-se de um estudo descritivo exploratório do tipo quantiquantitativo. A presente investigação será realizada em uma escola pública estadual de ensino fundamental 1 de um município do interior de Minas Gerais. A amostra

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N

**Bairro:** SAO PEDRO

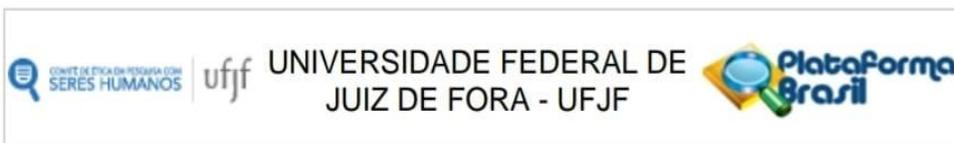
**UF:** MG

**Telefone:** (32)2102-3788

**Município:** JUIZ DE FORA

**CEP:** 36.036-900

**E-mail:** cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 6.036.845

será composta por profissionais da educação que trabalham com crianças na faixa etária de seis a 11 anos na escola investigada. Os dados estão previstos para serem coletados por meio de entrevista presencial semi estruturada com gravação de áudio, guiada por questões norteadoras previstas no instrumento de coleta de dados e um questionário a respeito da violência intrafamiliar. Resultados esperados: Espera-se que os resultados contribuam para a caracterização dos profissionais da educação, da rede de apoio e proteção que atuam frente aos casos e das crianças vítimas de violência intrafamiliar no ambiente escolar pesquisado. Além disso, o desfecho irá possibilitar conhecermos o tipo e forma de identificação das violências e existência de fluxograma para correta condução dos casos identificados e que os resultados gerem reflexões acerca da importância da atuação e capacitação dos profissionais para atuarem na identificação e combate da violência infanto juvenil intrafamiliar."

#### **Objetivo da Pesquisa:**

De acordo com as Informações Básicas, os objetivos da pesquisa são:

##### "Objetivo Primário:

Caracterizar a forma de identificação e condução de casos de violência intrafamiliar contra crianças pelos profissionais da educação do ensino público estadual.

##### Objetivo Secundário:

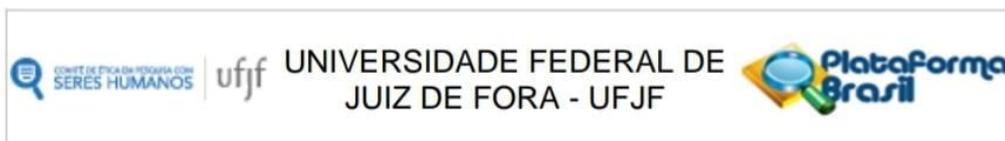
1. Caracterizar os profissionais da educação atuantes na escola pesquisada; 2. Identificar a habilidade e capacitação dos profissionais da educação em reconhecer casos de violência intrafamiliar contra crianças; 3. Caracterizar as crianças vítimas de violência intrafamiliar identificados no ambiente escolar; 4. Verificar o tipo e forma de identificação da violência ocorrida contra as crianças da escola; 5. Identificar quais profissionais e redes de apoio e proteção às crianças atuam em conjunto com a escola para a identificação e resolução da violência intrafamiliar; 6. Identificar a existência de fluxograma para correta condução dos casos identificados."

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios declarados nas Informações Básicas são:

##### "Riscos:

|   |                                  |
|---|----------------------------------|
| <b>Endereço:</b> JOSE LOURENCO KELMER S/N |                                  |
| <b>Bairro:</b> SAO PEDRO                  | <b>CEP:</b> 36.036-900           |
| <b>UF:</b> MG                             | <b>Município:</b> JUIZ DE FORA   |
| <b>Telefone:</b> (32)2102-3788            | <b>E-mail:</b> cep.propp@ufjf.br |



Continuação do Parecer: 6.036.845

Está previsto o atendimento de todos os critérios éticos e legais de pesquisa envolvendo seres humanos de acordo com a portaria Nº 466/12. O projeto será cadastrado na Plataforma Brasil e o início do processo de coleta de dados está subordinado à aprovação em Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta investigação possui riscos mínimos, tratando-se de um estudo sem intervenções previstas, sendo minimizado desconfortos com relação empática, acolhedora e baseada em respeito e dignidade humana. A divulgação dos resultados produzidos

deste projeto assegurará o anonimato da instituição e o sigilo sobre a identificação e informações referentes aos participantes que receberão códigos compostos por uma letra P seguida de dois dígitos numéricos sequenciais de forma a manter o anonimato dos participantes da pesquisa (ex: P01; P02; P03...). O participante será informado de todos os riscos, no que consiste sua participação, a possibilidade de interrupção ou cancelamento de participação se assim desejar em qualquer momento da investigação.

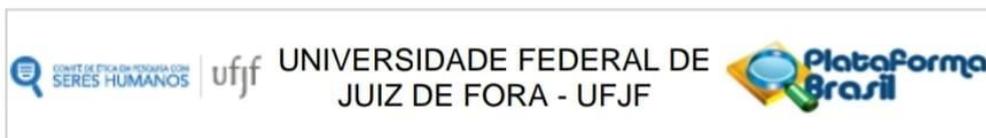
#### Benefícios:

Esperam-se que os resultados contribuam para a caracterização dos profissionais da educação, da rede de apoio e proteção que atuam frente aos casos e das crianças vítimas de violência intrafamiliar no ambiente escolar pesquisado além de possibilitar conhecermos o tipo e forma de identificação das violências e existência de fluxograma para correta condução dos casos identificados. Espera-se também que os resultados gerem reflexões acerca da importância da atuação e capacitação dos profissionais para atuarem na identificação e combate da violência infantil intrafamiliar.

Esperam-se que os resultados identifiquem a presença de habilidades dos profissionais em reconhecer os casos de violência intrafamiliar, os seus tipos e as suas formas, através dos sinais e sintomas da violência apresentados nas crianças. Não obstante, a pesquisa pode ajudar a esclarecer como ocorre a condução dos casos notificados e quais são os profissionais envolvidos. Além disso, a pesquisa pode identificar se há ou não a necessidade de capacitação dos profissionais. Espera-se também que os resultados gerem reflexões acerca da importância da atuação e capacitação dos profissionais para atuarem na identificação e combate da violência infantil intrafamiliar, principalmente da educação e da saúde.

Esperam-se que os resultados demonstrem a caracterização dos profissionais de educação atuantes no ensino fundamental e médio das escolas públicas estaduais pesquisadas, além da presença de habilidades e capacitação dos profissionais em reconhecer os casos, os tipos, as formas de identificação, sinais e sintomas de violências contra crianças e adolescentes, bem como

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N  
**Bairro:** SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900  
**UF:** MG **Município:** JUIZ DE FORA  
**Telefone:** (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 6.036.845

sua caracterização, no ambiente intrafamiliar e como ocorre a condução dos casos notificados e os profissionais envolvidos. Espera-se também que os resultados gerem reflexões acerca da importância da atuação e capacitação dos profissionais para atuarem na identificação e combate da violência infantil intrafamiliar."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

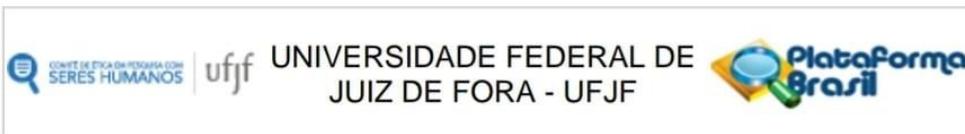
**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

**Recomendações:**

Recomenda-se corrigir o TCLE, retirando as seguintes palavras: "A pesquisa pode ajudar". Parece

|   |                                  |
|---|----------------------------------|
| <b>Endereço:</b> JOSE LOURENCO KELMER S/N | <b>CEP:</b> 36.036-900           |
| <b>Bairro:</b> SAO PEDRO                  |                                  |
| <b>UF:</b> MG                             | <b>Município:</b> JUIZ DE FORA   |
| <b>Telefone:</b> (32)2102-3788            | <b>E-mail:</b> cep.propp@ufjf.br |



Continuação do Parecer: 6.036.845

que se trata de um erro.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: 20/09/2027.

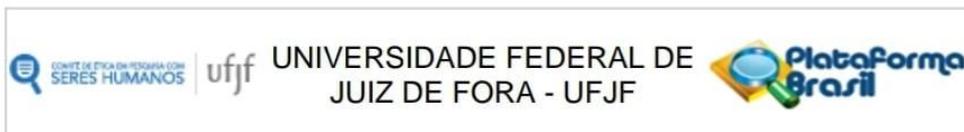
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo  | Postagem               | Autor          | Situação |
|---|--|------------------------|----------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2109507.pdf                      | 23/03/2023<br>23:07:32 |                | Aceito   |
| Folha de Rosto  | Folha_rosto_pesq_violencia_crianças_e_escola.pdf                   | 23/03/2023<br>23:05:18 | Paula Krempser | Aceito   |
| Outros  | Curriculo_Lattes_Pesquisadores_Pesq_Violencia_crianças_Escola.pdf  | 23/03/2023<br>11:25:02 | Paula Krempser | Aceito   |
| Outros  | Instrumento_coleta_dados_Pesq_violencia_crianças_escola.pdf        | 23/03/2023<br>11:22:55 | Paula Krempser | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto_Pesquisa_Violencia_crianças_e_escola.pdf                   | 23/03/2023<br>11:20:18 | Paula Krempser | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | Declaracao_autorizacao_infraestrutura_escola_bendito_valadares.pdf | 23/03/2023<br>11:19:47 | Paula Krempser | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | Declaracao_autorizacao_infraestrutura_direcao_facenf.pdf           | 23/03/2023<br>11:19:24 | Paula Krempser | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_consentimento_pesq_violencia_crianças_escola.pdf             | 23/03/2023<br>11:17:48 | Paula Krempser | Aceito   |
| Orçamento   | Orcamento_pesq_violencia_crianças_                                 | 23/03/2023             | Paula Krempser | Aceito   |

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N  
**Bairro:** SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900  
**UF:** MG **Município:** JUIZ DE FORA  
**Telefone:** (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 6.036.845

|            |  |                        |                |        |
|------------|--|------------------------|----------------|--------|
| Orçamento  | escola.pdf                                     | 11:16:45               | Paula Krempser | Aceito |
| Cronograma | Cronograma_pesq_violencia_crianças_e_scola.pdf | 23/03/2023<br>11:13:09 | Paula Krempser | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JUIZ DE FORA, 03 de Maio de 2023

---

**Assinado por:**  
**Jubel Barreto**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N  
**Bairro:** SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900  
**UF:** MG **Município:** JUIZ DE FORA  
**Telefone:** (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@ufjf.br